

A Hotelaria no Guia Rodoviário e Turístico do Rio Grande do Sul (1961): possibilidade de entendimento da Hotelaria e do Turismo no Estado

The Hotel Industry in the Rio Grande do Sul Road and Tourist Guide (1961): possibility of understanding the Hotel Industry and Tourism in the State

Dalila Müller

Professora Titular, Curso de Bacharelado em Turismo – UFPel, Pelotas/RS, Brasil.
E-mail: dalilam2011@gmail.com

Dalila Rosa Hallal

Professora Titular, Curso de Bacharelado em Turismo – UFPel, Pelotas/RS, Brasil.
E-mail: dalilahallal@gmail.com

Renata Brauner Ferreira

Professora Adjunta, Curso de Bacharelado em Turismo – FURG, Rio Grande/RS, Brasil.
E-mail: renatabrauner@yahoo.com.br

Artigo recebido em: 03-02-2026
Artigo aprovado em: 18-02-2026

RESUMO

Este artigo busca problematizar a forma como a hotelaria do Rio Grande do Sul é apresentada no Guia Rodoviário e Turístico do Rio Grande do Sul de 1961, buscando entender também questões pertinentes ao turismo no Estado na década de 1950 e início de 1960. A leitura identificou todas as referências à hotelaria, as quais foram analisadas quantitativamente e qualitativamente, fazendo-se uma análise textual. Uma primeira conclusão é que o Guia destaca, com muita ênfase, as rodovias e o transporte coletivo rodoviário. O Guia reflete a mentalidade da época, do rodoviarismo, de incentivo ao automóvel e do ônibus e da importância das estradas. Ocorre uma valorização e um destaque à facilidade de acesso aos hotéis e atrativos turísticos a partir da construção e melhorias de estradas e estações rodoviárias. No que se refere à hotelaria, percebemos a ênfase que é dada à região da Serra Gaúcha, tanto nos anúncios como na lista dos hotéis do interior do Estado. No Guia fica claro o incentivo ao veraneio nas cidades da Serra, mesmo com a criação de balneários, com o estabelecimento de hotéis, com a construção e melhorias das estradas e com o crescimento da busca de veraneio em praias de mar. As informações trazidas mostram a forma como o Guia trouxe e incentivou o turismo na região da Serra e a importância das rodovias para o estabelecimento de hotéis e o desenvolvimento do turismo, contribuindo com o debate sobre o turismo e a hotelaria no Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: História do turismo. História da hotelaria. Rio Grande do Sul. Guias turísticos.

ABSTRACT

This article seeks to problematize the way in which the hotel industry in Rio Grande do Sul is presented in the 1961 Rio Grande do Sul Road and Tourist Guide, also seeking to understand issues relevant to tourism in the state in the 1950s and early 1960s. The reading identified all references to the hotel industry, which were analyzed both quantitatively and qualitatively through textual analysis. A primary conclusion is that the Guide emphasizes highways and public road transport very strongly. The Guide reflects the mentality of the time, of road-centricity, of encouraging automobiles and buses, and of the importance of roads. There is an emphasis on and highlighting of the ease of access to hotels and tourist attractions resulting from the construction and improvement of roads and bus stations. Regarding the hotel industry, we noticed the emphasis given to the Serra Gaúcha region, both in advertisements and in the list of hotels in the interior of the state. The Guide clearly encourages summer vacations in the cities of the Serra region, even with the creation of seaside resorts, the establishment of hotels, the construction and improvement of roads, and the growing demand for summer vacations at ocean beaches. The information presented shows how the Guide brought and encouraged tourism in the Serra region and the importance of highways for the establishment of hotels and the development of tourism, contributing to the debate on tourism and the hotel industry in Rio Grande do Sul.

Keywords: History of tourism. History of hotel. Rio Grande do Sul. Tourism guides.

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos as investigações realizadas em torno da história do turismo e das instituições promotoras dessa atividade têm tido um alcance mais amplo. Novas perspectivas de investigação vêm surgindo a partir de novas fontes e de novos métodos de análise. Uma dessas fontes históricas são os guias turísticos impressos, que trazem informações relevantes sobre o turismo e a hotelaria em determinado período e região.

Inserindo-se numa literatura utilitária, os guias de viagem são um reflexo das alterações econômicas, sociais, culturais e tecnológicas que ao longo do tempo foram sendo introduzidas nas viagens culturais ou de veraneio, que gradualmente passaram a ser realizadas por grupos sociais cada vez mais amplos. A análise dos vários guias de turismo permite uma abordagem de temas diversos. Os guias foram uma forma de apreensão do espaço e contribuíram para a divulgação de novos lugares como as termas ou as praias e para a "construção" de imagens sobre as cidades ou o campo (Matos; Santos, 2004).

Os guias de viagens também se inserem numa literatura pedagógica que visa dar àqueles a quem se dirigem uma série de indicações sobre as viagens a empreender e sobre os espaços a visitar. Assim, nos guias de viagens que foram surgindo ao longo dos tempos as informações sobre a forma de viajar e os lugares a visitar ocorrem juntamente com as informações de carácter histórico sobre os vários lugares ou monumentos.

No Rio Grande do Sul, foram publicados três guias na década de 1950: o Guia de Turismo Rodoviário do Rio Grande do Sul de 1951 e de 1952, editados pela Publicitária Riograndense; e, em 1955, o Guia de Porto Alegre, organizado por Oswaldo Goidanich e pelo Touring Club do Brasil – Seção Sul e publicado pela Livraria do Globo. Na década anterior foram editados dois guias: em 1941 o Touring Club editou o “Guia de Turismo do Rio Grande do Sul” com o slogan “Onde vamos veraneiar?”, impresso pela Sociedade Nacional de Publicidade de Porto Alegre, esse o primeiro guia turístico do Estado; e, em 1943, o “Guia Oficial de Turismo da Viação Férrea do Rio Grande do Sul”, com os principais pontos de veraneio e turismo do Estado, organizado pela Viação Férrea do RS e publicado pela Livraria do Globo (Pimentel; Hallal; Müller, 2023).

Em outubro de 1961 é publicado o Guia Rodoviário e Turístico do Estado do Rio Grande do Sul pela Empresa Publicitária Tupã de Porto Alegre. O Guia, com 404 páginas e um mapa político do Estado, é a fonte analisada neste trabalho, que visa ampliar o debate e trazer à luz

questões pertinentes ao turismo e a hotelaria no Rio Grande do Sul entre os anos 1950 e 1960. Assim, o objetivo deste trabalho é problematizar a forma como a hotelaria no Rio Grande do Sul é apresentada no Guia Rodoviário e Turístico do Rio Grande do Sul, publicado em 1961, contextualizando-o historicamente. A partir disso, buscar entender questões sobre o turismo no Estado na década de 1950 e início da década de 1960.

Problematizar dados históricos é crucial para a compreensão aprofundada do passado e sua influência no presente. Ao questionar e analisar dados, podemos ir além de uma mera descrição de eventos, compreendendo as causas, consequências e inter-relações entre eles.

A hotelaria e o turismo estão intrinsecamente ligados. Partimos do princípio de que a hotelaria reflete mudanças no turismo. Entendemos que, problematizando os aspectos da hotelaria presentes no Guia Turístico Rodoviário do Rio Grande do Sul – 1961, podemos ampliar o debate e compreender o turismo nesse período, percebendo como a hotelaria e o turismo se conectam e influenciam um ao outro, criando uma visão mais complexa do passado.

2. OS GUIAS IMPRESSOS

Informações acerca de destinos se mantiveram vivas através de contatos com pessoas com conhecimento prévio do local, ou mesmo relatos em livros ou outras formas de publicação escrita. A chamada literatura de viagem englobava muitos gêneros literários e foi sendo construída segundo os relatos das viagens (Figueiredo; Ruschmann, 2004) e esteve durante muito tempo presente na vida de estudiosos e viajantes, ajudando-os a conhecer mais sobre as cidades, livros estes, que precederam os guias turísticos.

Para Castro (1999) os guias de viagem e os folhetos turísticos funcionam como cristalizações das narrativas e imagens do turismo e essas são elaborações que dão significado a determinado momento histórico. Seria ingenuidade, no entanto, pensar que um local possa ser “naturalmente” turístico. Seu reconhecimento como “turístico” é uma construção cultural, isto é, envolve a criação de um sistema integrado de significados através dos quais a realidade turística é estabelecida, mantida, negociada. Esse processo tem como resultado o estabelecimento de narrativas a respeito do interesse da atração a ser visitada. Essas narrativas associam determinados adjetivos a “pontos” ou eventos turísticos, antecipando o tipo de experiência que o turista deve ter. A construção do caráter turístico de um local também

envolve, necessariamente, seleções, quando alguns elementos são iluminados, enquanto outros permanecem na sombra (Castro, 1999, p. 81).

Os guias operam como mediadores entre visitantes e visitados, manuais que propõem modos de se “usar” a cidade, ou seja, usufruí-la com mais prazer e conhecimento. Sua funcionalidade, enquanto representante “autorizado” de um local e todos os seus habitantes, está em orientar e regular o olhar da paisagem para quem chega. Portanto, precisam gerar ou confirmar imagens pertinentes que transformem o local em objeto de atração para os visitantes. Essas imagens reveladas e informações prestadas devem traduzir-se em pontos de visitação que vão desde museus a locais de compra, de restaurantes a parques e belvederes, da estatuária a bares e casas noturnas, de cenários naturais a majestosas edificações. Esse conjunto de atrativos revela certos padrões culturais e estes passam por processos permanentes de mudança, ou seja, não mudam apenas os lugares, mudam também os estilos de vida, os padrões de gosto, as características sociais.

Castro (2006), comentando sobre a imagem que se tinha do Rio de Janeiro, observa que no início do século XX, surgiram no Brasil os primeiros guias, tendo como foco a cidade. O autor destaca o poder que os guias possuem de produzir um referencial turístico no imaginário das pessoas e como isso foi modificado ao longo dos anos. O autor cita o guia inglês “South American Handbook”, editado em 1932 e o guia carioca “O Rio de Janeiro e seus arredores”, editado em 1928 por uma das primeiras agências da cidade. Ambos iniciavam seus relatos sobre a cidade, pelo porto da Baía de Guanabara. Respectivamente, direcionavam o olhar para o planejamento público e arquitetura, como praças e chafarizes e os restaurantes ao ar livre além de ruas arborizadas, jardins, estátuas, contando com a maioria das atrações turísticas localizadas no centro da cidade. Muito diferente do foco que é dado atualmente pelos guias: natureza paradisíaca, carnaval, futebol, foco de atrações turísticas majoritariamente localizadas na Zona Sul da cidade.

De acordo com Torres (2006) uma das funções dos guias é antecipar aos viajantes o que irão encontrar no destino, e eles se utilizam de uma série de artifícios para tal. Os guias são compostos de “introdução, fotos e apresentação de locais a serem visitados [...]” (Barreira, 2005, p. 301).

Os guias turísticos impressos, ou de viagem, poderiam ser definidos também como artefatos que reúnem informações em diversas linguagens, sejam textos, ilustrações, mapas,

infográficos etc., com o objetivo de apresentar uma cidade, um país ou uma região, mediando a experiência entre o leitor-viajante e o destino turístico, ao traçar roteiros, fazer recomendações e oferecer orientações para os deslocamentos. Os guias, ao interligar pontos de interesse em itinerários adequados ao perfil do turista, indicar as melhores rotas, definir regras e apresentar o quê e como desfrutar, oferecem formas de experienciar um determinado lugar (Bastos; Nova, 2012).

Consultas aos guias podem ser feitas antes, durante e depois das viagens, ajudando na escolha de destinos, adaptando itinerários, ou repassando informações para novas viagens. Com efeito, a viagem começa no seu planejamento e a literatura consultada cumpre o papel de oferecer uma primeira leitura dos destinos, um primeiro contato a ser confrontado in loco com base nas escrituras das cidades, âmbito no qual se dá a vivência do viajante. Da mesma forma, tais informações são fundamentais à atividade turística do ponto de vista do mercado, pois o êxito de um destino turístico está relacionado à divulgação da imagem deste, papel desempenhado em parte pelos guias impressos (Zillinger apud Scherer; Monsú, 2015).

Os guias cumprem um papel fundamental no Turismo, a partir da difusão de informações de destinos e atrações turísticas, mas não apenas, também contribuem para modelar o imaginário dos viajantes acerca dos lugares a serem visitados. A edição resultante em cada um dos guias responde aos interesses e motivações dos seus autores, editores e financiadores (Ferreira, 2011), que, sabemos, não são imparciais e mudam ao longo do tempo. Constituem, portanto, um recorte, um olhar, entre tantos outros possíveis, haja vista que é inerente a este gênero de literatura, onde se seleciona o que deve ser apresentado e, conseqüentemente, o que não deve ocupar as páginas das publicações. Anne Cauquelin (2000, p. 138) irá aproximar os guias turísticos de "anteparos expressamente montados para 'não ver'", cumprindo o papel de recortar e apresentar uma parte do todo, a exemplo da janela que nos dá conta da paisagem, mas que oferece apenas um fragmento de uma realidade (Cauquelin, 2000). Assim, podemos acreditar que nenhum guia encerraria por completo a diversidade de um destino turístico. Talvez mais escondam do que revelam.

No mesmo sentido, Yasoshima (2004, p. 10) destaca que os guias turísticos, na montagem de sua estrutura, acabam por apontar quais os itens que serão negligenciados, incluindo até mesmo uma escala própria para pouco, mais ou menos, muito e extremamente negligenciados. O autor cita claramente que existem técnicas para enaltecer ou não,

determinados atrativos ou serviços, menciona a frase “merece ser visto” utilizada junto a elementos que os guias julgavam ser interessantes que os turistas visitem, além de outros símbolos como o ícone de estrelas.

3. METODOLOGIA

A pesquisa inscreve-se no campo da história do turismo e tem como fonte de pesquisa o Guia Turístico Rodoviário do Rio Grande do Sul, organizado e editado em 1961 pela Empresa Publicitária Tupã Ltda. de Porto Alegre. No processo de condução da pesquisa, constatou-se a importância da publicação como fonte no estudo sobre a memória e a história do turismo. O conhecimento do passado se faz a partir de indícios, vestígios, fragmentos recolhidos no presente e problematizados à luz de questões contemporâneas. Esse conhecimento é construído no presente a partir das interrogações direcionadas às fontes históricas. As fontes precisam ser contextualizadas, questionadas, procurando entender seus sentidos e significados.

Inicialmente buscamos informações sobre o Guia, a empresa publicitária e seus organizadores. Em um segundo momento, verificamos a organização do documento, seus textos e seus anúncios, identificando os que se referem especificamente aos hotéis e ao turismo no Rio Grande do Sul. O Guia, com 404 páginas e um mapa político do Estado, apresenta artigos sobre o turismo no Estado, com textos específicos sobre Porto Alegre, as regiões da Serra, do Mar, das Termas, da Fronteira, a Campanha, o Itaimbezinho; textos relacionados diretamente com o rodoviarismo, os quais prevalecem no documento; lista de hotéis do interior do Estado; dados sobre os municípios gaúchos; textos de assuntos diversos; e anúncios.

Foram identificados 49 anúncios de hotéis, os quais foram organizados em uma tabela do Excel e analisados de forma quantitativa e qualitativa, trazendo as características desses estabelecimentos presentes nos anúncios. Nos textos selecionados, realizamos uma análise textual qualitativa, verificando os aspectos da hotelaria e do turismo destacados.

As fontes são produções humanas, portanto, nas suas mais diversas modalidades, são registros das relações entre os homens em um dado momento histórico. Mas as fontes por si só não dizem nada, é preciso interrogá-las, fazê-las “falar”. Procuramos, então, historicizar o contexto de produção do Guia, destacando questões da história do turismo e da hotelaria. Neste sentido, ao fazerem circular informações sobre questões relativas ao turismo de modo amplo, bem como sobre as particularidades da atividade, os periódicos, independentemente de serem

especializados nestas questões, são uma rica fonte de informações para pesquisas em História do Turismo.

4. O “GUIA RODOVIÁRIO E TURÍSTICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL”

O Guia Rodoviário e Turístico do Estado do Rio Grande do Sul foi publicado pela Empresa Publicitária Tupã Ltda. de Porto Alegre em outubro de 1961. O Guia, acervo pessoal das autoras, possui 404 páginas e um mapa político do Rio Grande do Sul no final do mesmo. O formato do Guia é de uma brochura de 15,5cm por 23,5cm, com todas as páginas em papel jornal, exceto as capas. O mapa possui 28cm por 32,5cm, também em papel jornal, e está dobrado ao final do Guia.

Figura 1

Capa do Guia Rodoviário e Turístico do Estado do Rio Grande do Sul



Fonte: Guia Rodoviário e Turístico do Estado do Rio Grande do Sul, 1961, Capa.

A capa é colorida (vermelha e amarela), com a representação do mapa do Rio Grande do Sul e o desenho, em preto e branco, de um turista com binóculo ao pescoço e máquina fotográfica na mão, e, um ônibus, onde percebe-se pelas janelas, muitos viajantes (Figura 1). Da mesma forma que no Guia de Turismo Rodoviário do Rio Grande do Sul de 1952, analisado por Pimentel, Hallal e Müller (2023), uma década depois, as imagens da capa nos encaminham para a relação entre o rodoviarismo e o turismo. Essa relação está presente em vários textos do Guia, sendo que o primeiro conteúdo é dedicado à “Tabelas, Horários e Empresas de Transportes Coletivos do Rio Grande do Sul”, com 22 páginas. Por todo o Guia figuram textos

com relação direta com o rodoviarismo, como: É você um bom motorista? 98% dos Motoristas estão convencidos disso. Um teste que permite ao Motorista julgar-se a si próprio (De “Touring” de Genebra, abril de 1960) (p. 99-103); Campanha Educativa do Trânsito no Salvador Feliz iniciativa do CRT da Bahia (p. 108-109); É o automóvel responsável pela poluição do ar? (Do jornal suíço “Touring”, 5 de maio de 1960) (p. 109-112); Limitação de Tonelagem Teor do Decreto N° 50.903 que limita a tonelagem dos caminhões nas rodovias do país (p. 253-254); Preços dos Automóveis Nacionais (p. 256-257); De caminhões e nos motores industriais verifique a tampa do distribuidor nos motores (p. 257-258); Financiamento para compra de Caminhões Nacionais aos contribuintes do IAPETEC (p. 261-262); Fundo de meio bilhão para financiamento de caminhões O Decreto (p. 263-265); Indústria automobilística no Brasil e na América do Norte (p. 266-271); A ligação automobilística intercontinental (p. 272-275); Notícias sobre o DAER (p. 341-342); Diretoria do Tráfego (DTR) Transporte Coletivo Intermunicipal de Passageiros (p. 345); Polícia Rodoviária (p. 346); Arborização de Estradas (p. 347-351); Raio de ação do trânsito motorizado (p. 351-354); Pedágio: nas rodovias paulistas (p. 355-356).

Na apresentação do Guia, os organizadores já destacam que o documento possui “muitas informações úteis a todos os nossos patrícios e turistas com referência ao transporte coletivo em nosso Estado” e que apresentam, de maneira simples e correta, “os problemas de transporte coletivo que possa surgir a um visitante ao nosso Estado” (Guia..., 1961, s/p). Essa introdução e a quantidade de artigos relacionados ao transporte e estradas, mostra, de forma clara, a importância que foi dada ao transporte rodoviário coletivo no Guia. O documento retrata a mentalidade da época, de incentivo ao transporte rodoviário e de destaque para a construção e manutenção das estradas.

O período de quase 11 anos compreendido entre a queda do Estado Novo (1937-1945) e a posse do presidente Juscelino Kubitschek, em 1956, representa um ponto de inflexão para o sistema de transportes brasileiro, pois é exatamente quando o modal rodoviário se impõe na matriz brasileira de transportes.

Este Guia surge na lógica do discurso desenvolvimentista, com ênfase para a indústria automobilística e para a construção de rodovias estaduais que ligavam as principais cidades do Estado.

O Rio Grande do Sul estava preocupado em completar as ligações, ainda precárias em todas as zonas de circuito, que ligavam a capital com o interior

do estado e em multiplicar as pontes rodoviárias, que eram indispensáveis à integração viária. Havia indicação de que conjunto de projetos federais e estaduais responderia às necessidades do aumento da produção de alimentos, bem como do aumento da população, que demandaria maior oferta e valorização dos meios de transportes [...] (Benetti, 2002, p. 131)

Assim, podemos pensar no discurso presente no Guia, como mais uma atitude que tenta reforçar o discurso desenvolvimentista sul-rio-grandense presente na figura de Leonel Brizola. O engenheiro Leonel de Moura Brizola, quando eleito governador, em 1959, deu atenção especial ao tema. Seu partido, o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), estava se afirmando como um dos herdeiros de Getúlio Vargas e com isso incorporou o imperativo pela modernização do Brasil através de uma urgente e vigorosa industrialização, de modo a defender o papel estatal enquanto principal agente de transformação social, mobilizando recursos e investindo na infraestrutura gaúcha (Miranda, 2006). O Plano de Pavimentação e Construção de Estradas, pertencente ao II Plano de Obras, ilustra as políticas desenvolvimentistas gaúchas, pois é nesse documento que se apresentou o projeto das “Estradas da Produção” (Bemfica, 2007).

Para Huertas (2022, p. 1):

O rodoviarismo pode ser compreendido como todo o conjunto de ações e objetos direta e indiretamente relacionados aos vários elementos componentes do modal rodoviário (construção e pavimentação de estradas de rodagem, veículo, petróleo, políticas públicas, investimento, base normativa, engenharia, mentalidade, entre outros), cuja compreensão demanda a análise de aspectos conjunturais e estruturais, técnicos e políticos, historicamente construídos, que tornaram possível a sua emergência, expansão e consolidação no país, com profundos impactos em sua configuração territorial. Ou seja, o rodoviarismo precisa ser enquadrado na ótica da economia política e, mais além, envolvido por um conjunto simbólico e ideológico que remete à típica modernidade da 2ª Revolução Industrial – o entrelaçamento da indústria do petróleo com os valores ligados à velocidade e capilaridade territorial (transporte porta-a-porta).

O Guia foi elaborado a partir de informações disponibilizadas pelo Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem – DAER, pelo SETUR e pela Federação das Empresas de Transportes Rodoviários do Estado do Rio Grande do Sul. Conforme os ofícios desses órgãos transcritos nas primeiras páginas do Guia, à Diretoria de Tráfego do DAER foi solicitado informações sobre o transporte coletivo intermunicipal; ao SETUR, material informativo sobre hotéis, paradores, passeios, etc.; a Federação das Empresas de Transportes Rodoviários do Estado do Rio Grande do Sul, disponibilizou horários, itinerários e demais informações da rede de transportes rodoviários de passageiros.

O Guia não destaca seus organizadores, porém os ofícios são encaminhados para Isidoro La Porta, sugerindo que o mesmo foi um deles. Buscando informações sobre ele, verificou-se que foi Diretor da Academia Musical Carlos Gomes¹, participou do Orfeão Rio-Grandense e da Orquestra Filarmônica Popular de Porto Alegre, como violinista² e que foi professor³. De acordo com Belusso (2020, p. 88) La Porta foi diretor do periódico Gazeta Farroupilha, publicado em 1936 em Farroupilha, com uma duração efêmera. A sua relação com a serra gaúcha pode ser mais um fator que justifique o destaque dado àquela região no Guia, como se verificará a seguir e no item sobre os hotéis. Também é importante destacar que a família La Porta possuía o Hotel La Porta em Porto Alegre (inaugurado em 1929) e em Florianópolis (inaugurado em 1932)⁴.

Especificamente sobre o turismo no Rio Grande do Sul, o Guia apresenta os seguintes textos: Porto Alegre, a capital do Estado (p. 31-39), A Serra (p. 40-42), O mar (p. 43-44), As Termas (p. 44-45), As Missões (p. 45-47), A Fronteira (p. 47), Outras atrações (Lugares Históricos, Rio Pardo, Viamão, Piratini, Forte de Caçapava, Triunfo, O Estreito do Rio Uruguai) (p. 48-49), Informações Úteis (p. 49-50), O Taimbesinho (p. 51-53), A Campanha (p. 53-54), A Festa da Uva, por Virgínia Michielin (p. 54-56), Nova Petrópolis, por Osvaldo Spier, Prefeito Municipal (p. 67), Relação de Hotéis do interior do Estado (p. 87-99), Turismo no Rio Grande do Sul Roteiros e outras publicações de Interesse para o turista, por Glenio Peres, da Divisão de Estudos e Projetos do DAER (p. 138-140), Dados sobre Municípios Gaúchos (p. 145-233), O Ano Novo e o Turismo (p. 259), Touring Club do Brasil (Secção Gaúcha) (p. 260-261), Gramado (Cidade Jardim), por Hugo Daros (p. 358-362).

Três textos assinados se referem à Serra Gaúcha: sobre a Festa da Uva, em Caxias do Sul, sobre Nova Petrópolis e sobre Gramado. Não há nenhum texto que aborde cidades de outras regiões do Estado, nem mesmo do Litoral, cuja prática de veraneio em praias de mar estava crescendo (Goidanich, 1993). Durante todo o Guia se percebe o destaque que é dado para aquela

¹ Correio Lageano, 22 de janeiro de 1949, p. 1, Lages, Santa Catarina. http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/correiolageano/1949/ED4_22_01_1949_ANO9.pdf.

² Conforme Programa do Festival Beneficente OFIPPA. <https://acervosvirtuais.ufpel.edu.br/octaviodutra/wp-content/uploads/sites/19/tainacan-items/968/1006/Programa-OFIPPA-Igreja-NS-de-Pompéia-26-10-1968-Porto-Alegre-1.pdf>.

³ Porto Alegre, Lei Nº 6124, de 14 de junho de 1988. Denomina Professor Isidoro La Porta uma via pública. <https://leismunicipais.com.br/a/rs/p/porto-alegre/lei-ordinaria/1988/612/6124/lei-ordinaria-n-6124-1988-denomina-professor-isidoro-la-porta-uma-via-publica>.

⁴ Pimazzoni Filho, Renato José La Porta. Angelo Malaguarnera La Porta – um homem além de seu tempo, 2021. <https://www.familysearch.org/pt/memories/memory/132340748>.

região, o que levanta algumas questões: a ênfase dada para a Serra pode ser resultado da relação dos organizadores com o local, haja vista Isidoro ter dirigido um jornal em Farroupilha. As Prefeituras dos municípios estavam mais voltadas e organizadas para o turismo, já que os primeiros conselhos municipais de Turismo foram criados em Canela, Gramado, São Francisco de Paula, Porto Alegre e Pelotas na década de 1960 (Hallal; Müller; Guimarães, 2024). De acordo com as autoras, “A criação dos conselhos expressa a preocupação já existente no setor do turismo quanto à necessidade de uma instituição capaz de estimular esta atividade econômica nos municípios.” (Hallal; Müller; Guimarães, 2024, p. 630). A construção de estradas, principalmente da BR-2, hoje BR-116, passando pela Serra, foi importante para o desenvolvimento do turismo na região. No ano de 1960 o DAER concluiu a rodovia que ligava Nova Petrópolis, Canela e Gramado e a que ligava Farroupilha e Caxias do Sul, concluindo “os anéis concêntricos rodoviários que servem ao turismo serrano, criando a possibilidade de ir e voltar por roteiros diferentes.” (Goidanich, 1993, p. 71).

Conforme já destacado por diversos autores no capítulo anterior, o Guia constitui um recorte, um olhar entre outros possíveis, uma seleção, destacando alguns aspectos e escondendo outros de acordo com os interesses dos organizadores e editores, não dando conta ou não querendo dar conta da diversidade de um destino turístico.

Outro aspecto relevante é que o Guia foi elaborado, em grande parte, a partir de um Boletim do Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem do Rio Grande do Sul (DAER)⁵, anteriormente apresentado no IX Congresso Nacional de Estradas e Rodagem em São Paulo, em 1954⁶, o qual será objeto de análise de outro artigo.

O Guia apresenta um texto elaborado por Glenio Peres⁷ intitulado “Turismo no Rio Grande do Sul Roteiros e outras Publicações de Interesse para o Turista” (p. 138-140). O

⁵ O referido documento encontra-se na Biblioteca Eng.º Darcy Gonçalves Teixeira/Escola de Gestão Daeriana (EGD)/ DAER-RS – vinculada à Diretoria Técnica. Em 1937 foi criada a Biblioteca Eng.º Darcy Gonçalves Teixeira pelo engenheiro Alfredo M. Waldeck no Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem.

⁶ O turismo foi um dos temas do Congresso e estava inserido dentro da seção “Trânsito”. Os assuntos abordados foram: 1) Estações Rodoviárias; 2) Pousadas, postos de abastecimento, de socorros médicos, de serviços telefônicos, telegráficos e de rádio; 3) Paisagismo nas estradas; 4) Arquitetura rodoviária; 5) Roteiros e outras publicações de interesse para o turista; 6) Propaganda. (CAPES. Boletim Informativo da Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. N. 25, dez. 1954. Disponível em: https://memoria.capes.gov.br/uploads/r/coordenacao-de-aperfeiçoamento-de-pessoal-de-nivel-superior-capes/b/b/3/bb3ee779fb322652bc45098ef9943d615c34fbced201090ac1fb38abb8f9ef80/Boletim_1954_-_DEZEMBRO.pdf.

⁷ Glenio Peres (07/03/1933 – 27/02/1988) foi jornalista, poeta, compositor e político brasileiro; trabalhou nos extintos Diário de Notícias e O Estado do Rio Grande e colaborou com O Pasquim e com a Revista Cadernos do Terceiro Mundo. Foi vereador em Porto Alegre em quatro legislaturas (MDB); foi um dos fundadores do PDT.

subtítulo é um dos assuntos abordados no Congresso, o que sugere que essa parte é uma cópia da apresentação do autor no evento. O texto traz os “pontos de interesse turístico” do Rio Grande do Sul: a região das Missões, a zona colonial, a orla marítima, a zona da campanha e as estâncias hidrominerais. Verifica-se também que esses temas são contemplados nesse Guia nas suas páginas iniciais, conforme destacado anteriormente.

Desse modo, fica evidente o caráter de persuasão presente no discurso do Guia, direcionando o leitor para determinadas áreas de “interesse turístico” definidas pelos organizadores e editores. Conforme já destacado, apesar do Guia trazer outras regiões do Rio Grande do Sul, dá uma ênfase muito maior aos municípios da Serra, inclusive na hotelaria, o que será abordado no próximo item. Ferreira (2011) destaca que os guias reproduzem uma síntese de uma realidade e das ideias dominantes sobre a mesma.

Os guias de viagem sugerem a escolha de caminhos e destacam objetos, para que os visitantes se concentrem no fundamental. Partimos, pois, do princípio de que, essas obras, apesar do caráter redutor, que muitas vezes lhes é atribuído, podem apresentar uma ideia de como terá sido sucessivamente construída e transmitida uma imagem dos lugares e das suas paisagens.

5. A HOTELARIA DO RIO GRANDE DO SUL NO GUIA RODOVIÁRIO E TURÍSTICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL - 1961

Com o objetivo de verificar de que forma o Guia apresenta a hotelaria no Rio Grande do Sul, buscamos em suas páginas as referências aos hotéis. Essas referências aparecem em quatro situações: nos anúncios, presentes em todo o Guia; na “Relação de Hotéis do interior do Estado” (p. 87-99); na parte específica sobre “Porto Alegre, a capital do Estado” (p. 31-39); e, em textos com diferentes temáticas, como “A Serra” (p. 40-42), “O mar” (p. 43-44), “As Termas” (p. 44-45), “As Missões” (p. 45-47), “A Fronteira” (p. 47), “Outras atrações – Lugares Históricos, Rio Pardo, Viamão, Piratini, Forte de Caçapava, Triunfo, O Estreito do Rio Uruguai” (p. 48-49), “O Taimbesinho” (p. 51-53) e A Campanha (p. 53-54).

Deu nome ao Largo entre o Mercado Público e a Praça XV de Novembro em Porto Alegre, um espaço público de encontros e palco de eventos culturais, políticos e sociais.

O Guia mostra diversos anúncios de diferentes produtos e serviços distribuídos por todo o documento. Entre estes, os anúncios de hotéis, pensões e casas de cômodos. São 49 anúncios, 44 anúncios de hotéis, quatro de pensões e um de uma casa de cômodos. O mesmo anúncio do Hotel Palace Novo de Cruz Alta aparece em dois momentos, na página 141 e na 351. Esse é o único hotel com dois anúncios no Guia. Apenas dois anúncios possuem foto, o Parque Hotel de Gramado, na página 346 e o Hotel do Lago em São Francisco de Paula, na página 348. O anúncio do Hotel do Lago (Figura 2) mostra somente a fachada do hotel. Já o anúncio do Parque Hotel apresenta a fachada do hotel, mas o destaque maior é para o verde ao redor do hotel (Figura 3). Ambos informam que os hotéis são de veraneio.

Figura 2

Anúncio do Hotel do Lago



Fonte: Guia Rodoviário e Turístico do Estado do Rio Grande do Sul, 1961, p. 348.

Figura 3

Anúncio do Parque Hotel



Fonte: Guia Rodoviário e Turístico do Estado do Rio Grande do Sul, 1961, p. 348.

Além desses, outros três hotéis trazem o veraneio no nome: Veraneio Hotel Schoeler e Veraneio Maria A. Hertel, em Nova Petrópolis e Veraneio Irmischer em Gramado. O Hotel Wazlawick, em Canela, também destaca que o hotel é para o veraneio: “Deseja um bom veraneio? Procure este hotel.”. O que é importante destacar é que todos os anúncios de hotéis de veraneio estão localizados na Serra Gaúcha, desse modo, o Guia mostra ainda um veraneio voltado para a Serra, nas cidades de Gramado, Canela, Nova Petrópolis e São Francisco de Paula. De acordo com César, Brambatti e Marchesini (2019) o veraneio se dava inicialmente na serra, em locais mais altos, onde o calor era menor e o cuidado com a saúde era uma prioridade.

Apesar de trazer um texto especificamente sobre o mar, não há nenhum anúncio sobre os hotéis nas estações balneares, mesmo que “o veraneio, ao longo do quadriênio 1959-1962, com o aperfeiçoamento das estradas, levou milhares de automobilistas às praias de mar e às estâncias da serra” (Goidanich, 1993, p. 71). Goidanich também destaca que o DAER completou o asfalto entre Porto Alegre e Tramandaí em 1960, impulsionando o turismo para as praias de mar. Mesmo assim, não há anúncios de hotéis nas praias de Torres, Atlântida, Capão da Canoa, Tramandaí, Imbé, Cassino, balneários já existentes no período.

As cidades que anunciam seus hotéis no Guia são: a capital Porto Alegre (sete hotéis), Bento Gonçalves (um), Canela (dois), Caxias do Sul (dois), Gramado (quatro), Nova Petrópolis (dois), São Francisco de Paula (um), na Serra; Bagé (dois) e Uruguaiana (um), na Fronteira; Santo Ângelo (dois), nas Missões; Caçapava do Sul (três), na Campanha; Carazinho (dois)

Cruz Alta (sete), Erechim (um), Ijuí (um), Passo Fundo (um), Santa Maria (seis), Novo Hamburgo (um), São Leopoldo (dois), Taquara (um).

As termas também eram importantes locais turísticos no período, tendo um texto específico no Guia, porém, não há anúncios de hotéis nesses locais, como as Termas de Iraí, de Itai e de Ijuí.

Considerada uma construção cultural, a definição de um local como turístico apoia-se em um sistema de significados, que passam a ser reconhecidos pelos destinatários, que demonstram interesse na sua visita (Castro, 1999). Essa seleção envolve escolhas e negociações que variam de acordo com a cultura e o tempo, ou seja, pode se alterar de uma localidade a outra ou se modificar no futuro, em virtude da alteração do sistema simbólico ou de mudanças urbanísticas ali estabelecidas.

A análise dos anúncios mostra alguns aspectos da hotelaria no Rio Grande do Sul no período. Há um destaque para a administração familiar como uma característica positiva, demonstrando que ainda não havia uma profissionalização dos serviços hoteleiros no Estado.

Outro ponto se refere à referência à proximidade das estações, tanto ferroviária, quanto e principalmente rodoviária. A localização próxima à estação rodoviária indica, mais uma vez, a centralidade do rodoviarismo na década de 1950 e 1960 e a importância dada ao transporte coletivo rodoviário na época, bastante destacado no Guia, conforme visto anteriormente.

Na parte “Relação de Hotéis do interior do Estado” (pp. 87-99) é apresentada a lista de hotéis por cidades, com seu nome e endereço. A lista traz 50 cidades, exceto Porto Alegre, cujos hotéis são apresentados no texto específico sobre a capital do Estado. É importante destacar que o material informativo sobre os hotéis foi disponibilizado pelo SETUR, conforme o ofício no início do Guia.

Nessa lista também percebemos a inexistência de hotéis das cidades litorâneas e termais. A cidade de Osório, composta pelos balneários de Tramandaí, Cidreira, Imbé, Capão da Canoa, Arroio Teixeira, não aparece na lista. Da mesma forma, a cidade de Iraí, com suas termas, não consta na lista. A cidade de Rio Grande, composta pelo balneário Cassino, embora conste na lista, não traz nenhum hotel neste balneário.

Analisando comparativamente com o Guia de Turismo Rodoviário do Rio Grande do Sul, de 1952, percebe-se, nesse Guia, uma lista com 23 hotéis nos balneários de Osório e os três hotéis existentes na época no Balneário Cassino em Rio Grande. Além desses, traz os hotéis

das Termas de Iraí. Por que ocorre esse silenciamento no Guia que ora analisamos em relação aos hotéis nos balneários e nas termas? O documento de Glenio Peres apresentado no IX Congresso Nacional de Estradas de Rodagem aborda esses locais como turísticos no Estado. Por que os organizadores excluíram essas informações?

Analisando as partes com os textos sobre Porto Alegre e sobre as diferentes regiões do Estado verifica-se que o Guia divide as atrações do Rio Grande do Sul em: Porto Alegre, serra, mar, termas, Missões, fronteira, campanha, o Itaimbezinho e outros lugares históricos, incluindo Rio Pardo, Viamão, Piratini, Forte de Caçapava, Triunfo e o Estreito do Rio Uruguai.

O texto sobre Porto Alegre traz informações gerais sobre a capital, “principais pontos de visita”, arte e cultura, esportes, hotéis, restaurantes, “cinemas com ar condicionado”, agências de viagem e de informações, linhas aéreas, telefones úteis. Nos itens hotéis, restaurantes, cinemas, agências de viagens, linhas aéreas e telefones, os estabelecimentos são listados, juntamente com seu endereço e telefone. São listados 13 hotéis localizados no centro da capital, demonstrando a importância da área central.

O texto sobre a Serra destaca vários municípios, como Dois Irmãos, Morro Reuter, Nova Petrópolis, Caxias do Sul, Garibaldi, Flores da Cunha, Bento Gonçalves, Gramado, Canela e São Francisco de Paula. Aborda a importância da Rodovia Federal BR-2, que cruza a serra, levando aos seus municípios. O Paradoro do Conselho Estadual de Turismo, em Morro Reuter, possui serviços de restaurante e hospedagem para turistas; o Hotel Real e o Hotel Samuara em Caxias do Sul; o Hotel Casacurta em Garibaldi; o Parque Hotel em Gramado; o Palace Hotel, o Hotel Correia e o Grande Hotel em Canela, são importantes estabelecimentos de hospedagem para “as excursões de turismo e as temporadas de veraneio”. O acesso a esses locais é facilitado pela rodovia federal BR-2 e pela “excelente estrada estadual, toda asfaltada”. Nesse texto, verificamos a Serra vista como um destino turístico de veraneio e a importância da construção e conservação das estradas levada a efeito pelo DAER.

Somente no texto intitulado “O Mar” encontramos referências aos hotéis nos diferentes balneários do Estado e ao turismo nas praias de mar. Já estavam em desenvolvimento os balneários de Torres, Capão Alto, Atlântida, Capão da Canoa, Tramandaí e Imbé, no litoral norte e o Balneário Cassino, no litoral Sul. Os hotéis citados no texto, Hotel SAPT, Hotel Farol, em Torres, Hotel Xangri-lá, em Capão Alto, Hotel Atlântida, em Atlântida, Hotel Atlântico, Hotel Querência e Hotel Neptuno, no Cassino, não constam na lista de hotéis presente no Guia.

O texto ainda destaca o “acesso rodoviário ao mar”, para o norte, pela rodovia asfaltada Porto Alegre - Tramandaí e pela rodovia federal Osório - Torres e para o sul, pela BR-2 até Pelotas e pela estrada de concreto e asfalto a Rio Grande e Cassino. Mais uma vez enfatiza a importância do transporte rodoviário para chegar aos atrativos turísticos.

A parte descritiva sobre as termas inicia destacando a importância do parque termal de Iraí, que “atrai anualmente milhares de turistas do Brasil e dos Países do Prata” (Guia..., 1961, p. 44). No texto, traz os hotéis Balneário Hotel, Iraí Hotel e Hotel Internacional em Iraí, e o Hotel Fonte Ijuí, em Ijuí. Analisando as demais referências aos hotéis no Guia, verificamos que não há nenhum anúncio de hotéis nas termas, somente um anúncio do Hotel Rodoviário de Ijuí, na área central da cidade e “junto à Estação Rodoviária”, não salientando as fontes termais. Da mesma forma, na lista de hotéis não consta a cidade de Iraí e a cidade de Ijuí divulga nove hotéis, porém nenhum deles faz referência às termas.

O texto das Missões ressalta as cidades com as ruínas dos Sete Povos das Missões: São Miguel, Santo Ângelo, São Nicolau, São Luiz Gonzaga, São Borja, São Lourenço e São João Baptista, mas não traz nenhum hotel. Há dois anúncios de hotéis em Santo Ângelo: Hotel Avenida e Hotel Maerkli, porém nenhum deles faz referência às missões como atrativo turístico. Na lista de hotéis constam as cidades de Santo Ângelo (oito hotéis) e a cidade de São Luiz Gonzaga (dois hotéis). Também é importante destacar que o nome de nenhum hotel da região remete aos Sete Povos das Missões.

Da mesma forma, as partes da Fronteira, da Campanha, do Itaimbezinho e de outras atrações não fazem referência aos hotéis nessas localidades. As cidades da fronteira de Uruguaiana e Bagé figuram na lista de hotéis, com oito e nove estabelecimentos respectivamente. Já Santana do Livramento, Jaguarão, Chuí e Quaraí, citados no texto, não aparecem na listagem. Dois hotéis de Bagé remetem a sua posição geográfica, o Hotel da Fronteira e o Hotel Aceguá, referência à vila de Bagé que faz fronteira com o Uruguai. Dois anúncios de hotéis de Bagé, o Hotel da Fronteira e o Hotel do Comércio, estão presentes no Guia. Uma pensão em Uruguaiana faz seu anúncio no Guia: a Pensão da Gringa, destacando ser uma “pensão de artistas”. Pensão de artistas refere-se a um local de prostituição, cuja prostituta reside na pensão e é subordinada a uma cafetina, dona do estabelecimento. Esses estabelecimentos eram comuns no Estado na primeira metade do século XX (Müller, 2021).

O texto dos lugares históricos de Rio Pardo, Viamão, Piratini, Forte de Caçapava, Triunfo e o Estreito do Rio Uruguai não faz referência aos hotéis. Somente Viamão divulga um hotel na lista de hotéis do interior do Estado e Caçapava do Sul traz anúncios de dois hotéis: o América Hotel e o Hotel e Restaurante Rex.

Parece que não há uma relação entre as diferentes partes do Guia, pois os textos, que claramente foram elaborados a partir da comunicação de Glenio Peres: “Turismo no Rio Grande do Sul”, os anúncios e a lista de hotéis não trazem informações complementares. Outro aspecto a ser destacado é o fato dos textos trazerem a distância em tempo e quilômetros por via rodoviária, mas também por via aérea. O que observamos é a inexistência de outros textos e informações que abordem o uso do avião para fins turísticos, somente a lista de empresas de transporte aéreo (p. 380).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma leitura cuidadosa, próxima, que caminha entre o texto e o contexto, para examinar o conteúdo, organização e funções do guia, identificando quais são as vozes e os sentidos que “falam”, nos mostra que Guia Rodoviário e Turístico do Estado do Rio Grande do Sul – 1961 enfatiza as rodovias e o transporte coletivo rodoviário, tanto em textos específicos, quanto nos demais e nos anúncios dos hotéis. Assim, o Guia reflete a mentalidade da época, do rodoviarismo, de incentivo ao uso do automóvel e do ônibus e da importância da construção e manutenção das estradas.

Podemos pensar que o guia apresenta necessariamente uma seleção do que foi escolhido para ser enfatizado. Podemos supor que houve uma seleção do material avaliado como mais adequado às necessidades de um projeto desenvolvimentista para o Rio Grande do Sul no período. O rodoviarismo tornou-se um elemento nevrálgico no conjunto dessa política. Grande parte dos textos do Guia já constavam, numa primeira versão, na publicação de Glenio Peres no Boletim do DAER, o que aponta para uma confluência dos interesses dos editores e do Departamento em expandir e consolidar o rodoviarismo.

Os editores, com a colaboração do Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem (DAER), do Serviço Estadual de Turismo (SETUR) e da Federação das Empresas de Transportes Coletivos do Rio Grande do Sul, ao escreverem o Guia, muito mais rodoviário do que turístico, fortalecem o ideário rodoviarista no Estado. A produção desse consenso deu-se

por meio de diferentes “aparelhos”, tais como jornais, revistas, instituições de ensino e associações diversas, agregando engenheiros, economistas, políticos, legisladores, empresários etc., que defendiam a opção rodoviária, supostamente mais adaptada às características do país. Tal ideário foi progressivamente transformando-se em senso comum e em diretriz principal da política de transportes nos últimos 50 anos.

Destacamos que só a partir das décadas de 1950 e 1960 que haverá uma efetiva oficialização do Turismo no Estado do Rio Grande do Sul, com a criação do Conselho Estadual de Turismo (CET) e do Serviço Estadual de Turismo (SETUR). No âmbito da hotelaria, a preocupação volta-se para a construção e o aparelhamento de novos hotéis, melhoria dos já existentes, impulsionando a especialização dos trabalhadores, levando a qualificação profissional para atuação na hotelaria gaúcha.

A análise dos anúncios do Guia também evidencia outro aspecto da hotelaria no Rio Grande do Sul desse período, ganha destaque a administração familiar das empresas hoteleiras, como uma característica positiva, enfatizando que o atendimento pelos proprietários significaria qualidade, já que não havia uma grande profissionalização dos serviços hoteleiros no Estado.

Embora em 1960 o DAER tenha completado o asfalto entre Porto Alegre e Tramandaí, impulsionando o turismo para as praias de mar, ainda evidenciamos no Guia uma preponderância do veraneio na Serra Gaúcha e quase nenhuma menção aos balneários marítimos, exceto em um único texto. Nos anúncios comerciais do Guia e na lista de hotéis do interior do Estado há uma absoluta ausência dos hotéis litorâneos e dos hotéis nas termas. Podemos pensar que o destaque dado à Serra Gaúcha se deve às relações dos editores e financiadores com a região, aliado às ações voltadas para o turismo que vinham sendo efetivadas pelos municípios da Serra, como a criação dos conselhos municipais de Turismo. Além disso, a melhoria na infraestrutura rodoviária, com a construção de estradas e o desenvolvimento do transporte coletivo rodoviário contribuíram para a constituição da Serra Gaúcha como principal destino turístico destacado pelo Guia.

A análise do Guia mostra que o mesmo responde aos interesses e motivações dos seus organizadores, editores e financiadores e que corresponde a um olhar, um recorte entre outros possíveis. No Guia percebemos o que foi destacado e o que foi negligenciado na seleção de temáticas a serem incluídas no mesmo. Mesmo com essas considerações, consideramos os guias

turísticos importantes fontes para o entendimento da história da hotelaria e do turismo no Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

- Barreira, I. (2005) Os guias turísticos em Berlim. *Tempo Social*, Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 17, n. 1. p. 299-320. Disponível em: <http://scielo.br/scielo.php?pid=S010320702005000100013&script=sciarttex&tlng=pt>. Acesso em 12 set. 2010.
- Bastos S. R.; Nova, M. R. (2012). Guias de Viagem e de Turismo da Cidade de São Paulo (1924 e 1954): hospitalidade e patrimônio. *Turismo em Análise*. Vol. 23, n.3, dezembro.
- Belusso, G. (2020) *Farroupilha/RS e a Educação (1934-1948): um município pedagógico*. Tese, Doutorado em Educação, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul.
- Bemfica, F. C. M. (2007) *Governo Leonel Brizola no Rio Grande do Sul: desconstruindo mitos*. Dissertação, Mestrado em História, PUCRS, Porto Alegre.
- Benetti, V. (2002) *A corrente desenvolvimentista e o projeto político no Rio Grande do Sul: 1950/1962*. Tese, Doutorado em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo. Disponível em: <http://www.sapili.org/livros/pt/cp000162.pdf>. Acesso em: 18 04.2025.
- Castro, C. (2006). Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro. In: VELHO, Gilberto. *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro.
- César P. A. B., Brambatti L. E. & Marchesini T. Z. (2019). O papel da ferrovia na definição do território turístico e da hospitalidade. *Revista Turismo em Análise* | ECA-USP | ISSN: 1984-4867 v. 30, n. 3, p. 496-515, set./dez., 2019.
- Ferreira, A. (2011). *Guias turísticos impressos e suas dimensões de análise*. Trabalho de Conclusão de curso. Universidade Federal Fluminense. Niterói.
- Figueiredo, S.; Ruschmann, D. (2004). Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas. *Novos Cadernos NAEA*, v.7, n.1, p.155-188. Disponível em> <http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/viewFile/40/34>> Acesso em 13.04.2025.
- Goidanich, O. (1993). A saga do turismo no Rio Grande do Sul. In H. H. Flores (Org.). *Turismo no RS. 50 anos de pioneirismo no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

- Hallal, D. R.; Müller, D.; Guimarães, V. L. (2024). Turismo no Rio Grande do Sul (1930-1960): Histórias e Memórias. *Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade*, Caxias do Sul, v. 16, n. 3, p. 617-637. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/13038>. Acesso em 03 jan. 2025.
- Huertas, D. M. (2022). *Quando governar é abrir estradas: o processo de construção histórica do rodoviarismo em São Paulo*. História (São Paulo), São Paulo, v. 41, p. 1-28. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/BcTKJzjFZtNB95MT4QgYTXp/>. Acesso em 12 dez. 2024.
- Matos, A.C.; Santos, M.L.F.N. (2004) Os guias de Turismo e a emergência do Turismo contemporâneo em Portugal (dos finais de século XIX às primeiras décadas do século XX). In: *Scripta Nova – revista eletrônica de geografia y ciencias sociales*. Universidad de Barcelona. Vol. VIII, n. 167, jun.
- Miranda, S. P. de (2006) *Projeto de desenvolvimento e encampações no discurso do governo Leonel Brizola: Rio Grande do Sul (1959-1963)*. Tese, Doutorado em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/6526>. Acesso em: 08 dez. 2022.
- Müller, D. (2021) Hotelaria no Rio Grande do Sul (1907-1940): uma análise a partir do Almanak Laemmert. *Tempos Históricos*, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 166–193. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/23858>. Acesso em: 12 dez. 2023.
- Pimentel, M. R.; Hallal, D. R.; Müller, D. (2023) Guia de Turismo Rodoviário do Rio Grande do Sul – 1952: uma Janela para Compreensão do Turismo no Estado. **Revista Transversos**, Rio de Janeiro, n. 28, p. 201-222. Disponível em: Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/76497>. Acesso em 12 dez. 2024.
- Scherer Monsú S.(2015). Guia Turístico impresso para uma experiência autêntica em Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Arquitetura.
- Torre, M. (2006) *O Rio dos Viajantes: representações da cidade nos guias de turismo*. Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (pp. 1-15). Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em:

<https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/50318735004892982533086105683641959085.pdf>. Acesso em 12 dez. 2024.

Yasoshima, J. R. (2004) *A comunicação turística como manifestação da hospitalidade de um destino*. Anais do X CELACOM. Disponível em:
<http://www.feg.unesp.br/~delamaro/quiosques/GT4Texto005.pdf>. Acesso em 13 set. 2011.

FORMATO PARA CITAÇÃO DESTE ARTIGO

Müller, D., Hallal, D. R., & Ferreira, R. B. (2026). A Hotelaria no Guia Rodoviário e Turístico do Rio Grande do Sul (1961): possibilidade de entendimento da Hotelaria e do Turismo no Estado. *Revista de Turismo Contemporâneo*, 14(1), 1299-1322. DOI 10.21680/2357-8211.2026v14n1ID42879
